

O CONCEITO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL (EA) E SUAS DIMENSÕES ¹



Para emergência e expansão da EA muito tem contribuído o crescendo da percepção da complexidade das relações entre as sociedades humanas e o ambiente, mas também de configuração de uma nova ética. Acreditamos que a autêntica EA se desenvolve em diferentes planos, considerando como fundamentais as dimensões ética, conceptual e metodológica .

Modificações na percepção que a humanidade tem do planeta, da sua dinâmica e funcionamento, bem como das interações que com ele estabelece, constituem um quadro propício ao estabelecimento de uma ética ambiental São essas modificações de percepção e de consciência, sobretudo ao nível das consequências desastrosas de uma tradição antropocêntrica, que provocam uma nova visão pedagógica do tema ambiental. À luz de uma concepção sistémica da Ecosfera, já não basta educar a partir do ambiente ou através dele, impõe-se um nível mais teleológico, ou seja, *educar para o ambiente*.

De acordo com Villaverde (1988), a EA é, em primeira instância, um movimento ético e só depois deve ser entendida como uma renovação conceptual e metodológica. Citando Catalán e Catany, Villaverde (1988) defende a necessidade de criar uma nova ética, uma nova estética, uma nova maneira de analisar a realidade mais global, mais *ecológica*, e vê a EA como a manifestação no campo da educação da crise ecológica em que estamos mergulhados.

Na perspectiva desta autora, a EA teria como primeiro princípio básico o *rever de modo radical a postura do homem em relação ao ambiente*. Isto significa, portanto, o abandono da lógica antropocêntrica . E ao nível da prática educativa a questão fundamental seria ajudar os alunos a compreender de forma global a realidade que os rodeia e da qual fazem parte e, em suma, compreender-se a si próprios. Decorrentes deste, outros aspectos igualmente importantes configuram a dimensão ética da EA. Uma nova percepção do homem dando-lhe um novo posicionamento, fa-lo-á compreender que cada momento do seu quotidiano faz parte da dialéctica homem-ambiente à luz da qual deve ser vista a problemática ambiental .

Nesta óptica, qualquer abordagem aos problemas ambientais, implica a assunção pessoal e social que, de forma positiva ou negativa , a montante ou a jusante, a presença humana é

iniludível. Do ponto de vista educativo e dada a complexidade das questões ambientais, importa procurar a multiplicidade das suas causas, indagar sobre a sua génese . É conhecendo realmente o como e o porquê dos problemas, através da observação, reflexão e da investigação, que se poderão rever o sistema de valores e, em conformidade com estes, os comportamentos. E a mudança que se preconiza é uma mudança para a solidariedade planetária e intemporal. Ser solidário com os outros hoje, mas sê-lo também com o futuro, significa perceber a ecosfera como substrato de toda a humanidade e da vida. Defender o princípio de que *há só uma Terra* e que os seus recursos são finitos, é atribuir à educação (escolar ou não) a responsabilidade de desenvolvimento, sobretudo nos jovens, de uma *mentalidade planetária*, fazendo-os sentir-se como habitantes de uma aldeia global cujo destino está também nas suas mãos .

Embora já o Relatório final da Conferência de Tbilisi considerasse que “ *apesar dos traços biológicos e físicos constituírem a base natural do ambiente humano, a sua dimensão ética, cultural e económica desempenham um papel importante nas orientações e nos instrumentos pelos quais os indivíduos podem chegar a entender e fazer melhor uso dos recursos naturais para satisfazer a suas necessidades*”, continua a fazer sentido a insistência.

Talvez resida na quase ausência de um enquadramento ético uma das causas da ineficácia da Educação Ambiental.

Robottom (1993) argumenta que essa ligação à dimensão ética está na própria origem essencialmente política da EA : a tomada de consciência dos países do Terceiro Mundo do quanto o seu ambiente está sendo degradado pelas actividades dos países desenvolvidos. Contudo, quando o movimento de EA ganha força e começa a ter alguma expressão nos currícula escolares, houve uma marcada tendência para a EA se integrar na educação científica o que, segundo Ian Robotom, se traduziu numa perda de muito do seu inicial enfoque político e ético passando os problemas ambientais a ser interpretados como problemas exclusivamente técnicos para os quais se buscam soluções meramente técnicas . É o que o autor designa por *racionalidade tecnocrática* .

A EA deverá transformar a perspectiva da tecno-ciência numa eco-ciência. Evocando E. Morin, cada vez mais a *ciência exige consciência*.

Se a necessidade de uma nova ética parece ser hoje uma questão pacífica, importa então, encontrar a melhor forma do como o sistema educativo , a escola, os professores, poderão contribuir para a mudança de valores nos alunos para uma reorientação da sua conduta. É aqui que a EA passa para aos planos conceptual e metodológico.

A dimensão conceptual da EA constitui talvez a mais trabalhada e a mais facilmente percebida, até porque tem sido muito comum fazer corresponder EA a aprendizagem de conteúdos de ecologia. Apesar de, obviamente, a EA extravasar cada vez mais o conhecimento técnico e científico do ambiente, este aspecto continua a ser fundamental até porque atitudes e comportamentos a favor do ambiente supõem um conhecimento do próprio ambiente. Importa pois uma conceptualização adequada ao nível etário dos alunos de forma a conseguir-se uma

clarificação gradual de conceitos, mecanismos e processos sobre os quais assenta basicamente a tomada de decisões.

Villaverde refere como princípios básicos a aquisição de uns quantos conceitos chave . Em primeiro lugar surge o conceito de ambiente que deverá ser global (incluindo aspectos naturais mas também socioculturais). A noção de ecossistema “*não como uma unidade no espaço mas como um nível de organização*” (Villaverde,1988) dotado de interações e fluxos constantes de matéria, energia e informação. A transferência deste conceito para o campo das ciências sociais e humanas, facilitará a percepção da complexidade e interdependência de que fazemos parte e está associada à própria concepção holística do ambiente.

Um outro aspecto, igualmente importante, no sentido de ajudar os alunos a compreenderem a dinâmica dos ecossistemas, tem a ver com de contextualização espacio-temporal de qualquer facto ou fenómeno.

Também o conceito de energia - tema potencialmente transversal- constitui um aspecto básico fundamental quando não abordado sob perspectivas limitadas e redutoras.

Conceitos de equilíbrio dinâmico, ciclo, sucessão, mutação, evolução podem também constituir referentes em diferentes áreas disciplinares contribuindo para concepções alargadas de ambiente.

Os princípios de auto-organização e da auto-renovação (enquanto princípios isomorfos) deveriam também ser mais amplamente utilizados por diversas disciplinas.

Uma abordagem eficaz de todos esses conceitos, implica, naturalmente, opções, sobretudo de carácter metodológico.

As opções ao nível dos procedimentos metodológicos no campo da EA terão de considerar alguns aspectos essenciais ao nível da relação afectiva, cognitiva e instrumental dos alunos (nos diferentes estádios de desenvolvimento) com o ambiente.

De facto, como sublinha Villaverde (1988) o ambiente é em si mesmo um potencial de informação, uma realidade estruturada que tem uma história e nos oferece *chaves* a partir das quais se pode compreender o seu funcionamento. Trata-se, portanto de uma realidade estruturada e codificada com a qual os alunos têm possibilidades de comunicação, podendo lê-la , decodificá-la e recodificá-la. É através de um processo gradual afectivo-valorativo e cognitivo que se constrói uma relação dialógica com o ambiente configuradora da percepção , da consciência e da lógica que faz cada ser humano assumir-se como elemento integrante da complexa teia de relações entre a natureza, a cultura e a história, incluindo na sua própria dinâmica pessoal os processos que regem o viver colectivo de que faz parte.

Uma aproximação real ao ambiente envolvendo processos de *apropriação* afectiva (...*conhecer para amar, amar para valorizar, valorizar para proteger...*), é hoje considerada uma estratégia privilegiada na *pedagogia ambiental*.

Existem hoje *premissas* apoiadas no estado actual dos conhecimentos sobre a matéria,

que quase se estão tornando lugares comuns mas cuja formulação nos parece essencial. Villaverde (1988) sistematiza-as da seguinte forma:

a) Sempre que a experiência directa no meio é possível, ela deverá substituir as representações simbólicas da realidade . Na mesma linha de pensamento, há que substituir as simples posições observadoras da realidade para caminhar no sentido das atitudes comunicativas as quais supõem uma interacção e um exercício activo da criatividade.

b) A actuação da escola e dos professores deve inscrever-se numa postura de problematização, em primeiro lugar de si próprios e da sua relação com os outros (com o todo envolvente), numa dinâmica de procura de soluções, através duma abertura integradora da escola ao mundo (próximo e distante) e de uma participação activa de todos, aos mais diversos níveis da realidade.

c) A abordagem dos problemas deve enquadrar-se numa visão holística e sistémica da realidade . Evitar a todo o custo análises atomistas ou redutoras deve ser uma preocupação da educação em geral, sobretudo da educação ambiental. Pela complexidade que comporta a problemática ambiental, não poderá ser analisada exclusivamente sob a óptica de uma ou outra ciência ou disciplina escolar, sob pena de não se conseguirem resolver os problemas nem tão pouco equacioná-los correctamente.

d) O trabalho em equipas interdisciplinares constitui, neste quadro, uma condição absolutamente necessária. A EA exige contributos articulados de todas as áreas disciplinares. Esta preocupação deveria estar presente em todo o processo de desenvolvimento do curriculum (desde a concepção, à avaliação, passando necessariamente pela sua implementação)

O conceito de ambiente global transporta consigo outros conceitos e orientações com implicações significativas no campo da Educação Ambiental.

O princípio de *pensar globalmente para agir localmente* ganha cada vez mais uma relevância maior até porque, além da dimensão holística e sistémica que lhe está subjacente, podemos hoje considerar que, quer do ponto de vista social mas também, e sobretudo, no que se refere à educação em geral e à EA , em particular, uma interpenetração a diferentes escalas das esferas que compõem o sistema global, sendo uma necessidade é também e cada vez mais uma possibilidade.

Como referem Stapp, W. & Polunin, N. (1991), nós precisamos ver o mundo no seu contexto global e, como educadores, ajudar o cidadão comum e os decisores (políticos , legisladores, etc) actuarem segundo uma perspectiva global na visão e na mente. Isso significa

o reconhecimento de que estamos todos ligados e interdependentes, seja historicamente, geograficamente, ecologicamente, politicamente, religiosamente e de inúmeras outras vias : partilhamos o mundo e, sobretudo, partilhamos o destino que nos é comum.

Porque é ao nível pessoal que os resultados podem ser mais óbvios, as acções positivas sentidas directamente e as consequências frequentemente mais imediatas, os efeitos globais indirectos ou longínquos tendem muitas vezes a ser ignorados ou subvalorizados. Importa, portanto que se adquira a consciência de que muitas das acções a nível local, ou decisões individuais, acabam por ter repercussões e ramificações globais.

Uma educação ambiental global ajudando na compreensão desse facto, pode desenvolver nos indivíduos uma visão compreensiva do ambiente planetário e ajudá-los a assumirem o seu próprio lugar e responsabilidade na procura de soluções para os problemas actuais e vindouros.

Como afirma Almeida Santos (1994), problemas como

“as chuvas ácidas, o efeito de estufa, os buracos na camada de ozono, as alterações climáticas, a poluição dos mares, a delapidação das florestas, não têm azimute nem pátria (...) mas “como convencer e lograr a cooperação activa do seu antípoda civilizacional ?”

Se uma borboleta ao bater as asas na China pode afectar a “meteorologia” da Europa... como podemos ignorar o que se passa noutros lugares, como podemos ficar indiferentes aos problemas ambientais que eclodem noutras latitudes?

Na verdade, o Homem de hoje sente-se atraído (ou impelido?) para um diálogo à escala universal e a percepção, a vivência e a dimensão do espaço vital que cada pessoa sente como seu, vê-se influenciado por um conjunto de forças que representam valências de diferentes sinais. “ *O espaço esfumou-se, vivemos hoje como que numa aldeia global*” (Sarramona, 1988). De facto, os crescentes fluxos de informação e a multiplicação das redes de comunicação vêm trazer à educação a possibilidade de adopção de diferentes escalas de análise, de conceptualização e, conseqüentemente, de acção.

Uma outra vertente da EA que tem emergido nos últimos anos, sobretudo nos sectores ligados à Arte e Educação em Arte, tem a ver com a dimensão estética. Naturalmente que quando se considera o domínio dos valores estes também integram, obviamente, valores estéticos. No entanto, alguns autores (Adams, 1987) insistem que a questão central da EA não deve situar-se nos problemas ambientais, argumentando que, dando apenas ênfase aos problemas ambientais estes podem funcionar como factor distanciador das pessoas e propõem uma aproximação mais positiva e glorificante. Ou seja, defendem uma sensibilização não especificamente para os problemas do ambiente, mas sobretudo para o ambiente no sentido da exploração dos sentidos e sentimentos dos indivíduos em relação ao ambiente e aos lugares.